



Artigo Especial

O CAMPO DA GERONTOLOGIA E SEUS DESAFIOS¹

THE FIELDS THE OF GERONTOLOGY AND ITS CHALLENGES¹

Lucia Hisako Takase Gonçalves^{2,3}

²Universidade Federal de Santa
Catarina (UFSC)
Florianópolis – SC – Brasil

¹Baseado na aula de abertura do
Curso de Especialização em
Gerontologia da UESB/DS, Campus
Jequié, 2006.

³Profa. responsável pelo Convênio
CAPES/PQI: UFSC/PEN e
UESB/DS, Campus Jequié, BA,
período 2003 – 2006

E-mail
ltakase@brturbo.com.br

Introdução

A Gerontologia, termo cunhado por Metchneincoff em 1903, derivado do grego “gero” (velho), delimita o campo do estudo do envelhecimento, com enfoque multi e interdisciplinar visando a descrição e explicação das mudanças típicas do processo de envelhecimento humano e, de seus determinantes genético-biológico, psicológico, sóciopolítico-cultural e histórico.

Há subdivisões várias da gerontologia ao aprofundamento de estudos especializados do fenômeno do envelhecimento. Na área da saúde, a gerontologia social e a geriatria fazem mais freqüentemente parceria em empreendimentos sejam de pesquisa, de ensino ou de assistência. Os profissionais, das mais variadas formações, tem se especializado em envelhecimento e trabalhado em um exercício tentativo de postura interdisciplinar.

A gerontologia social estuda os impactos dos fatores sócio-políticoculturais sobre o processo de envelhecimento e a geriatria, termo cunhado por Nascher em 1909, dedica-se ao estudo clínico das afecções comuns que incidem na velhice e dos fatores condicionantes de envelhecimento saudável. Assim é costumeiro denominar nessa delimitação de áreas, de gerontogeriatría.

Trata-se a gerontologia, de um campo científico emergente, dada a atualidade do fenômeno do envelhecimento humano em todo o mundo. Seus estudos, ainda estão por avançar em profundidade e extensão, com base em ciências humanas consolidadas, daí a sua emergência estar se dando de modo interdisciplinar.

Do aspecto da prática gerontológica observa-se a congregação de multiprofissionais especializados na condução de ações gerontológicas. É esperado dos gerontólogos em suas ações profissionais, um perfil de: compreensão do significado social da ação gerontológica; apreensão histórico-crítica do processo do envelhecimento humano; competência teórico-crítica, técnico-operativa, ético-política; abertura às mudanças e valer-se de imaginação e criatividade em suas ações; compreensão da natureza interdisciplinar da gerontologia para a busca de ações compatíveis de ensino, pesquisa e extensão/assistência; consideração ao sujeito de suas ações, a pessoa do idoso, como o protagonista da ação benfeitora; entre outros.

O panorama do processo de envelhecimento abrangido pela gerontologia constitui-se um fenômeno complexo, não só pela sua abrangência multidimensional mas também pela dinamicidade com que se evolui no curso da história, seja do aspecto do envelhecimento populacional quanto do envelhecimento humano individual. O envelhecimento populacional observado na atualidade é um fenômeno mundial. O que significa um crescimento mais elevado do extrato idoso na população geral em comparação aos outros grupos etários. Em nosso país, segundo IBGE, em 1940 os idosos representavam 4% da população, já em 2000 passava para 8,6%. Quanto à expectativa de vida ao nascer era de aproximadamente 61 anos em 1980, já em 2000 houve um ganho para 71 anos, graças à diminuição da mortalidade sobretudo infantil e diminuição da natalidade.

Tais cifras são resultados de melhorias observadas na sociedade atual como o avanço das tecnologias médicas, o alcance das políticas econômicas e sociais, melhoria das condições de vida de um modo geral. As perspectivas futuras são de que a mortalidade continue a reduzir, também na adultícia e velhice resultando em propiciar a existência de mais pessoas idosas em idades mais avançadas sofrendo de afecções crônicas em situação co-morbidade. O aumento crescente da longevidade é uma realidade, fenômeno que vem tomando espaço de discussão, dada as previsões de outras demandas e encargos sobre as políticas públicas. O IBGE, em seu último senso registrou aumento de nonagenários e até de centenários. Segundo os cálculos bioestatísticos de Camarano e sua equipe (2004), a esperança de vida aos 60 anos de idade em 2000, poderia levar os homens a chegar aos 79,3 anos e para as mulheres, aos 82,4 anos de vida.

Tais constatações demonstram um panorama de constantes mudanças no seio de nossa sociedade e juntos trazem as consequências nunca antes experimentadas, as de enfrentar um crescente aumento do contingente de população idosa com especial demanda do sub-extrato denominado de quarta idade, ou dos mais longevos, aqueles com maior vulnerabilidade para contrair afecções crônicas e para uma vida mais fragilizada. Autores como Baltes e Smith (2003) tentam diferenciar as características das pessoas na terceira e quarta idades, afirmando que conquistas positivas da gerontologia fizeram dos idosos da terceira idade usufruírem hoje em dia, uma vida ativa e prazerosa, com saúde e dignidade de vida. E polemizam quanto a questionável qualidade de vida, e vida dignificante daquelas pessoas que sobrevivem na quarta idade com fragilização e dependência, com comorbidades crônicas e entre elas com frequência a demência. Certamente aqui merece uma discussão séria

sobre as questões existenciais e éticas do viver humano. Ademais, há que se questionar também: Não é possível se viver plenamente até o fim, não importa a idade e as circunstâncias de vida e saúde, apoiado em um ambiente humano, entre familiares, amigos, profissionais e outros entes queridos?

Assim, se impõe à ciência da Gerontologia atual, múltiplos desafios sem par, a enfrentar em prol do bem estar e felicidade das pessoas e famílias em geral e dos idosos em particular, na sociedade contemporânea de um modo geral e em particular, em cada dado contexto societal.

O antropólogo Rifiotis (2005) ao fazer uma leitura crítica da gerontologia da atualidade, identificou quatro dilemas que os definiu como desafios a serem enfrentados pela gerontologia enquanto campo científico e de intervenção nas questões do envelhecimento humano. São eles: o desafio ético da minoridade; o desafio teórico-ideológico; o desafio da indignação e da judicialização; e o desafio da re-ritualização vital.

Os Desafios da Gerontologia Atual

O desafio ético da minoridade

Estamos nós, os(as) gerontólogos(as), prontos e exercendo um verdadeiro diálogo com aqueles que chamamos de sujeitos na gerontologia? Está havendo lugar para uma gerontologia dialógica? O protagonismo do idoso nas ações gerontológicas, já passou de discurso teórico para uma prática real e sincera de nós, gerontólogos?

Respondendo sinceramente às perguntas, de modo coletivo ou pessoal, podemos identificar dilemas ainda de difícil superação, sejam de ordem pessoal de diferenças na visão de mundo ou a falta de consideração do outro, o idoso, como sujeito social; e por reprodução irrefletida de discursos e práticas cristalizadas inapropriadas.

Assim seguem alguns exemplos que exigem reflexão e superação: A minoridade dos velhos enfatizados como carentes, pobres, dependentes, analfabetos, doentes são objetos de nossa assistência em nome da compaixão e assim se enquadra no chamado duas metades, benfeitores e necessitados, numa relação que pressupõe desigualdade, a dívida e a gratidão. Tal situação leva a infantilização do idoso atendido, descartando totalmente a possibilidade de ser um sujeito e cidadão de direito. Crenças arraigadas pessoais ou coletivas ainda estão presentes nos profissionais da saúde, mesmo especializados em gerontologia, como em casos de idosos que são analfabetos não tem condição de aprender ensinamentos de cuidados de saúde; descrença de alguns educadores quanto a capacidade dos idosos aprenderem e praticarem novos comportamentos de cidadania ou de inclusão social; o desconforto sentido pelo gerontólogo na relação profissional/idoso, de modo horizontal e dialógico, impedindo o protagonismo do idoso como sujeito social construindo juntos uma ação gerontológica mais apropriada em benefício de ambos.

O desafio teórico-ideológico

O dilema aqui está na mudança radical do significado do envelhecimento. Na atualidade, à medida que aumenta a população idosa em todo o mundo, os idosos já, há muito tempo, deixaram de ser a elite dos anciãos, os sábios, conselheiro dos jovens e outros adjetivos imputados. A denominação da terceira idade como a da Melhor Idade vai perder a legitimidade, na medida que essa ideologização não possa mais ser sustentada. As mudanças sociais atualmente em curso tem implicações concretas no processo de socialização, principalmente na formação de referências das pessoas. As mudanças culturais de divisão de papéis e a reprodução social tem interferido na visão sobre o envelhecimento e no modo de vida dos idosos. Para melhor ilustrar tal fato, o autor traz parte da crônica de Raquel de Queiroz: *Conselhos aos Jovens....Sempre me perguntam, principalmente agora ao chegar aos 90, que conselhos tenho para dar aos jovens. Confesso humildemente que a pergunta que desejaria lhes fazer seria... que conselhos teriam os jovens para me dar?*

A teoria gerontológica, como qualquer outra teoria, não está livre de componente ideológico. Nesse quadro particular, as ideologias arraigadas acerca da velhice que conhecemos, representam um desafio para a concepção ou reconcepção de teorias gerontológicas em construção. O dilema está em clarear as contradições que engendra a situação, o entrecruzamento das questões teóricas, ideológicas e até ético-políticas.

O desafio da indignação e da judicialização

Com relação à violência e maus tratos contra idosos, tal temática se encontra enfaticamente inscrita no Estatuto do Idoso. Na leitura crítica do antropólogo, a área da gerontologia tem dedicado atenção neste aspecto mas com forte conotação de denúncia e indignação. Admite a importância do reconhecimento e da visibilização social do fenômeno como de foro político e ético, mas por si só não se faz suficiente para o avanço do saber gerontológico. Avalia o discurso da indignação levar à confusão de análise do fato denunciado, uma condenação, portanto um discurso contra uma situação e não de um discurso científico.

A indignação é uma reação de adesão e emoção e não é necessariamente um melhor caminho para a descoberta de saberes explanatórios que conduzam à produção de mudanças sociais. Contudo, não se pode escapar da indignação considerando a questão ética da situação. O desafio está em empreendimentos que avancem da indignação à produção de resultados que possam ser utilizados pelos agentes sociais na solução de problemas que emergem na sociedade. Sugere-se assim que o conhecimento empírico da pesquisa gerontológica estaria a serviço das negociações sociais. E, se essas ações exigem reflexão como também as mudanças, uma reflexão crítica e qualificada é essencial enquanto papel da ciência e do pesquisador cidadão.

O questionamento que se faz face ao dilema em questão é: se é importante lutar pela visibilidade e reconhecimento social a favor da causa dos idosos, diríamos que é importante mais pesquisas e intervenções críticas profissionais de reais avanços na solução do problema da violência contra idosos, do que discursos indignados e prescritivos de judicialização de busca do réu, do culpado.

O desafio da re-ritualização vital

A re-ritualização está associada ao crescimento da longevidade. Em todo o mundo de modo geral, e no Brasil, a expectativa de vida aumentou rapidamente no último século. De 33,7 anos de vida em 1900 dobrou para 68,6 anos em 2000, e continua a aumentar. Esse tempo de vida “não-natural” ainda crescente, demonstra uma evidente contradição com milênios em que a espécie humana se desenvolveu e criou seus modelos de crenças e percepção, de comportamentos e de organização social. Essa nova configuração do processo vital atinge a todos os seguimentos etários, não podendo mais ficarmos estacionados no pensamento de que os idosos se identifiquem como uma elite detentora de experiência, sabedoria e desapego ao cotidiano. Segundo Erikson, em seu livro sobre o ciclo vital completado, reconhece que a criação dessa vida a mais e os modos de vivê-la significativamente se tornou um desafio fundamental para a sociedade atual. Os idosos, em seu desenvolvimento vital vem processando mudanças em sua própria auto-imagem e identidade cultural para se adequar aos novos anos ganhos pelo avanço da longevidade. Atitudes de negação da velhice ou o seu adiamento, a lazerização da vida, a manutenção da eterna juventude, a busca por melhor qualidade de vida, bem como incidência de episódios patológicos como depressão, idéias suicidas, entre outros, são alguns exemplos de processo em curso ainda controverso para nós mesmos. Há certamente, uma busca pelo reordenamento significativo, a cada período, do ciclo vital ampliado. Está havendo uma acomodação entre os idosos, repensando a vida passada, o futuro e o viver pleno presente. Assim, estamos diante de algo grande demais, uma espécie de aprendizagem coletiva e um desafio a ser transposto o que certamente requer o diálogo entre as gerações. Diálogo de aproximação de gerações e compreensão mútua quanto às múltiplas implicações sobre o nosso modo de estar no mundo. O envelhecimento representa um processo de síntese da nossa percepção do tempo e por isso, não é possível pensar e propor políticas sociais sem abramger o ciclo vital completo, desde a concepção e nascimento até o envelhecer e morrer do ser humano. O desafio está em preparar-nos para uma nova condição do idoso numa reestruturação da dinâmica etária e uma nova relação significativa entre começo e fim da vida.

A Educação para os novos anos dados pela longevidade

A longevidade crescente se inscreve como um fato novo no desenvolvimento humano .Nesse sentido a educação não pode deixar de lado uma visão critica e emancipadora ampliando sua ação re-formatadora do alunado envelhescente ávido por aprender como viver significativamente os novos anos ganhos de vida.

A educação aqui terá de sofrer novos impulsos para atender a perspectiva de ser um lugar mediador e promotora da velhice bem sucedida abrangendo a vida inteira do educando idoso. A proposta pedagógica haverá de contemplar as idéias das mediações e das disposições necessárias à construção de identidade revigoradora em todas as idades da vida , assim como pelo fortalecimento de uma concepção de velhice protagonista da educação das comunidades que propicie a ampliação da compreensão acerca do desenvolvimento humano, desde o inicio ate o fim da vida. Considerando o papel da educação como de mediação social em busca de melhor qualificação da vida e realização plena , por meio de disposições pessoais dos proprios aprendentes idosos, os desafios pela consecução educacional efetiva está ainda por ser construída.

O processo educacional em face da longevidade , segundo Both (2006), pode ser visto sob o conceito de gerontogogia, constituindo-se esta como a ciencia cujo objeto de investigação e ação reside no processo de desenvolvimento humano tardio e em suas implicações educacionais em todas as faixas etárias e em todas as instituições envolvidas. É um espaço educacional privilegiado para encaminhamento de proposições de ações cujos objetivos buscam adequar as representações e oportuidades sociais às exigências de qualidade de vida em todos os seus os períodos.

A gerontogogia pois, compreende todas as intervenções educacionais que busquem promover o desenvolvimento humano em todo o ciclo vital, e em especial com vistas ao processo de envelhecimento e da própria velhice. A natureza da educação gerontológica consiste em olhar o ensino de modo humanístico, sob o recorte da qualidade de vida, e de modo especial, os períodos da infância – adolescência, meia idade e velhice, merecendo um olhar atento para que sejam configurados os estilos de vida carregados de disposições e oportuidades de auto-realização.

A infância exige presença qualificada do outro, representada pelos pais , professores e todos em seu entorno. A qualidade e extensão dos objetos ideais dados e assumidos pela criança, distribuem-se para o resto da vida, regulando as oportuidades e, mesmo, o sucesso afetivo e cognitivo de todas as fases seguintes, incluindo a velhice. Os professores, tendo em questão a longevidade da vida, ao desenvolverem em seus alunos não so as competências intelectivas, mas as aptidões em lidar com habitos que favorecem estilos de vida na construção de disposições boas em todo o ciclo vital ,oportunizando vivencias seja na escola, na família, na comunidade de relações de companheirismo e generosidade, de solidariedade, de ajudas voluntárias, de respeito mutuo e consideração, o que levarão para toda a vida.

A adolescência, pela mediação da gerontogogia, teria na perspectiva da longevidade orientações eticas com oferta de valores ampliados. A educação

aqui tem a pretensão de realizar diálogos estimulantes em projetos comunitários integradores apontando as possibilidades de uma vida longa e as virtudes necessárias para torná-la interessante e socialmente significativa. E por fim, é na meia idade onde a gerontologia inicia sua vocação específica na promoção do desenvolvimento tardio. É nesse período que começam a surgir as primeiras conseqüências biopsicossociais do envelhecimento.

É costumeiro encontrar pessoas nessa idade com baixos recursos pessoais para o auto-desenvolvimento e que possa alcançar a contento a idade mais avançada. A educação pode aqui atuar preventivamente reencaminhando essas pessoas ao seu desenvolvimento em busca de um envelhecimento bem sucedido. Contudo, se as pessoas encaminham-se à velhice com deficiências em seu auto-desenvolvimento, a educação terá de se concentrar aos limites e aos potenciais ainda presentes. Já a gerontologia seria plenamente exercida se os idosos chegarem com toda experiência positiva de vida e potencial de continuidade de seu auto-desenvolvimento.

Considerações finais

De todos os princípios educacionais da gerontologia, há que se destacar a real necessidade do protagonismo desta educação ou seja, o ser idoso aprendente sendo o ator protagonista do processo educativo para o seu próprio benefício além dos demais

Referências Bibliográficas

1. Both A. Longevidade e Educação: Fundamentos e Práticas. In: FREITAS, E.V. et al. Tratado de Geriatria e Gerontologia. 2ed. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan; 2006. p.1446-55.
2. Camarano AA, organizador. Os Novos Idosos Brasileiros: muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA; 2004.
3. Rifiotis T. Os Idosos e a Sociedade Moderna: desafios da gerontologia. Conferência proferida na VII Jornada de Inverno da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. Porto Alegre; 2005.
4. Baltes P, Smith J. Novas Fronteiras para o Futuro do Envelhecimento: da velhice bem sucedida do idoso jovem aos dilemas da quarta idade. A Terceira Idade 2006; 17(36): 7-31.
5. Gonçalves LHT, Vahl .C. O Curso de Especialização em Gerontologia da UFSC/NETI In: Grunewald V. Construção de um caminho na gerontologia. Florianópolis: Copyflo; 1997. p.127-33.

Endereço para correspondência

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências da Saúde.
Departamento de Enfermagem
Campus da Trindade
Florianópolis, SC – Brasil
CEP: 88040-970

Recebido em 09/11/2006